

meu coração
e outros poemas

il mio cuore
e altri poemi





meu coração *e outros poemas*

Antologia Poética Bilíngue • Português/Italiano

ALEXANDRE PILATI

Antologia Poetica Bilingue • Portoghese/Italiano

il mio cuore *e altri poemi*

Editora Penalux

Guaratinguetá, 2021





Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

TRADUÇÃO/TRADUZIONE:

Maristella Petti
Cláudia Valéria Lopes
Margareth de Lourdes Oliveira Nunes

CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Guilherme Peres

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

P637m PILATI, Alexandre. 1976—

Meu coração e outros poemas / Alexandre Pilati (edição bilíngue) – Guaratinguetá: Penalux, 2021.

100 p. ; 21 cm

ISBN: 978-65-5862-098-3

1. Poesia 2. Trad.: Italiano I. Título.

CDD: B869.1

Índice sistemático: 1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.



7	APRESENTAÇÃO	PRESENTAZIONE	10
13	PREFÁCIO	PREFAZIONE	18
24	MEU CORAÇÃO	IL MIO CUORE	25
26	LUMINÁRIA	LUMINARIA	27
28	A PASOLINI	A PASOLINI	29
30	O CASO	OCCASO	31
32	GARÇA	AIRONE	33
34	CARACOL	LUMACA	35
36	TÁBUA DA LEI	TAVOLA DELLA LEGGE	37
38	DA PORTA PRA LÁ	DALLA PORTA IN LÀ	39
40	O AMOR	L'AMORE	41
42	ESTUDO PARA SONHO	STUDIO PER SOGNO	44
46	RAINHA	REGINA	47
48	CURUMIM	CURUMIM	49
50	IN A SENTIMENTAL MOOD	IN A SENTIMENTAL MOOD	52
54	VOCÊ VOLTA PRA ELA	TU TORNI DA LEI	56
58	FESTINA LENTE	FESTINA LENTE	60
62	POEMA	POESIA	64
66	PAISAGEM	PAESAGGIO	68
70	TRANQUILITO	BUONO BUONO	71
72	FANTASIA	FANTASIA	74
76	O SONHO DE UMA COISA	IL SOGNO DI UNA COSA	79
83	POSFÁCIO	POSTFAZIONE	87



Apresentação

Os textos recolhidos nesta antologia são uma amostra do que escrevi nos últimos anos, desde que lancei, em 2004, meu primeiro livro de poemas. Aqui estão representadas algumas das linhas orientadoras da minha busca pela poesia: o amor, a vida social, a poesia, a política, a fala do povo, o lirismo autorreflexivo, o diálogo com a tradição, entre outras, que cabe ao leitor intuir ou resgatar do conjunto de poemas.

É para mim uma grande satisfação poder reunir os textos e oferecer um pouco de minha poesia a quem lê em italiano. A Itália e o idioma italiano sempre compuseram para mim uma espécie de pátria afetiva, seja pelas origens de minha família, seja pela minha admiração por sua cultura, sua arte e sua literatura. Além disso, no momento que escrevo esta apresentação, tanto a Itália quanto o Brasil passam por momentos difíceis, desde que eclodiu a pandemia do COVID-19, a qual tem ocasionado inúmeras mortes em muitos países, mas que tem feito sofrer de um modo muito cruel a nação italiana. Portanto, este gesto de organizar agora uma antologia bilíngue, não deixa de ser, também, uma singela atitude de

solidariedade com o povo italiano, que, de alguma forma, cristaliza-se em poesia no último texto da antologia “O sonho de uma coisa” (“Il sogno di una cosa”), com referência clara ao poeta Pier Paolo Pasolini.

Para o leitor de língua portuguesa, há, ainda, o interesse de que a maior parte dos textos não foi publicada senão nas excelentes antologias *Encontros com a poesia do Mundo / Incontri con la poesia del Mondo*, ou, de modo disperso, em sítios da Internet e em redes sociais. Creio que agora, lidos conjuntamente, em sequência cronológica, do mais antigo ao mais recente, eles possam ganhar outros significados e iluminarem-se uns aos outros, pois poemas costumas nos servir de lentes para outros poemas.

Entre outras coisas, toda poesia é um desejo de diálogo, uma aposta na capacidade de entendimento do mundo e de interrogação das relações que mantemos conosco, com os outros, com a linguagem, com a realidade, com a transcendência. E através da tradução, amplifica-se essa possibilidade de conversa entre pessoas, entre culturas e entre sociedades. O tradutor literário, portanto, faz acontecer algo decisivo para completar-se uma função essencial da literatura: o aprofundamento e a expansão dos vínculos sociais, por meio da expressão estética.

Agradeço a atenção e a gentileza das queridas amigas professoras Ana Laura dos Reis Correa (Universidade de Brasília) e Vera Lúcia de Oliveira (Universitá degli Studi di Perugia), que comentam aqui o sentido geral dos textos, e das tradutoras Cláudia Valéria Lopes e Margareth de Lourdes Oliveira

Nunes, que aceitaram meu convite para colaborar com o projeto. Por fim, e de modo muito especial, agradeço à talentosa e diligente Maristella Petti, sem a qual esta antologia não seria possível.

ALEXANDRE PILATI

março/abril de 2020



Presentazione

I testi raccolti in questa antologia sono un campione di quel che ho scritto negli ultimi anni, da quando ho lanciato, nel 2004, il mio primo libro di poesie. Sono qui rappresentate alcune delle linee diretrici della mia ricerca poetica: l'amore, la vita sociale, la poesia, la politica, la parola del popolo, il lirismo autoriflessivo, il dialogo con la tradizione, tra le altre, che sta al lettore intuire o recuperare dall'insieme dei componimenti.

Per me è una grande soddisfazione poter riunire i testi e offrire un po' della mia poesia a chi legge in italiano. L'Italia e la lingua italiana hanno sempre costituito per me una patria affettiva, sia per le origini della mia famiglia, sia per l'ammirazione che nutro nei confronti della sua cultura, della sua arte, della sua letteratura. Al di là di ciò, nel momento in cui scrivo questa presentazione, tanto l'Italia quanto il Brasile passano per un momento difficile a causa dell'esplosione della pandemia di COVID-19, che ha causato numerosissime morti in molti Paesi, ma che ha fatto soffrire in particolar modo, crudelmente, la nazione italiana. Pertanto, questo gesto di

organizzare ora un'antologia bilingue vuole anche essere un sincero gesto di solidarietà nei confronti del popolo italiano, solidarietà che, in qualche modo, si cristallizza in poesia nell'ultimo testo, “Il sogno di una cosa” (“O sonho de uma coisa”), con chiaro riferimento al poeta Pier Paolo Pasolini.

L'interesse è anche per il lettore di lingua portoghese, inoltre, poiché la maggior parte di questi testi non è stata pubblicata se non nelle eccellenti antologie *Encontros com a poesia do Mundo / Incontri con la poesia del Mondo* o, in maniera dispersiva, in siti internet e social vari. Credo che ora, letti tutti insieme, in sequenza cronologica dal più vecchio al più recente, possano acquisire altri significati e illuminarsi l'un l'altro, perché le poesie sono solite servirci come lenti per altre poesie.

Ogni poesia è, tra le altre cose, desiderio di dialogo, sfida nella capacità di comprensione del mondo e di quesito dei rapporti che manteniamo con noi stessi o con gli altri, con la lingua, con la realtà, con la trascendenza. E attraverso la traduzione si amplifica questa possibilità di conversazione tra persone, culture e società. È così che il traduttore letterario rende possibile qualcosa di decisivo per realizzare una funzione essenziale della letteratura: l'approfondimento e l'espansione dei vincoli sociali per mezzo dell'espressione estetica.

Ringrazio l'attenzione e la gentilezza delle care amiche docenti Ana Laura dos Reis Correa (Universidade de Brasília) e Vera Lúcia de Oliveira (Università degli Studi di Perugia), che commentano qui il senso generale dei testi, e delle traduttrici Cláudia Valéria Lopes e Margareth de Lourdes Oliveira

Nunes, che hanno accettato il mio invito a collaborare con il progetto. Infine, e in maniera molto speciale, ringrazio la talentuosa e diligente Maristella Petti, senza la quale questa antologia non sarebbe stata possibile.

ALEXANDRE PILATI

marzo/aprile 2020



Prefácio

O AMOR EM SUAS AMBIÊNCIAS E CONSTÂNCIAS...

VERA LÚCIA DE OLIVEIRA¹

“O coração tem razões que a própria razão desconhece.”

Pascal

Na “Apresentação”, com a qual se abre a antologia, seu autor afirma que “toda poesia é um desejo de diálogo”. Nada de mais verdadeiro, com efeito, mas o é duplamente se aplicado ao lirismo solidário de Alexandre Pilati. Já o havíamos evidenciado desde o livro *Autofonia* (2017), no artigo “La poesia partecipe di Alexandre Pilati”, publicado na revista italiana *Fili d'aquilone*. Afirmei ali que esse lirismo é “incômodo e crítico em suas indagações de forma e sentido, é lirismo que estimula a agir e não nos consola, embora não seja niilista, pois o poeta acredita no papel da poesia e da literatura como forças humanizadoras poderosas, capazes de revitalizar valores

1. Poeta e critica, ensina literatura portuguesa e brasileira na Università degli Studi di Perugia, na Itália.



como solidariedade, empatia, sensibilidade, amor e respeito pelos seres e pela natureza em geral.”²

Todos esses elementos estão presentes também em *Meu coração e outros poemas*. Comecemos pelo título, *Meu coração*, que retoma um *tópos* tradicional. Por que tal escolha? Tratando-se de poeta, professor e crítico sutil e refinado, o emprego de um termo usado e usurado nos remete à aspiração de reimergi-lo em seus sentidos autênticos e viscerais. Não é casual que o primeiro poema retome a palavra a partir das acepções mais prosaicas, onde “coração” é comparado a “espelunca” e “bijuteria” – “Meu coração // é uma espelunca (...) / meu coração: / bijuteria” –, para, a partir daí, nos poemas seguintes, efetuar uma espécie de resgate ou, se preferirmos, de ressignificação paradigmática do vocabulário “coração”, declinando-o em acepções mais complexas e abrangentes.

Trata-se, aqui, de um livro de amor (e sobre o amor), sentimento, como sabemos, entre os mais vitais e indefiníveis do ser humano, capaz, no entanto, de sobreviver à dor e de dar sentido até à morte:

“Mas diga sim, coração.
 O amor sabe esperar não, vai devagar
 rapidamente.
 Pois tem a tarefa de negar a morte.
 O amor como um tigre
 abre os olhos do fim,
 raspa a barba morta dos soldados,

2. OLIVEIRA, V. L., “A poesia partecipe di Alexandre Pilati”, in *Fili d'aquilone*, Roma, gennaio/aprile 2019, n. 51 (www.filidaquilone.it). Trad. minha.

que revivem dentro do púbere aniquilar.

(...)

E o amor é esta rosa, que chamamos lua.

Lembrança: resistência nos fantasmas

que dedilham os acentos da luz.”

Entre os tantos poemas exemplares, talvez a mais potente imagem do amor esteja na lírica “In a sentimental mood”, onde dois pés de ipês se tornam uma única árvore mesmo mantendo a própria individualidade: “O ipê da frente da minha casa / São dois. / Eles são assim: um”. Essa é a lógica do amor, que refuta a mera razão cartesiana, já que admite e convive com as contradições. É comovente, nesses versos, a metáfora dessas grandes árvores do cerrado, que resistem ao tempo e se sustentam altivas, sem que uma sofreie ou sufoque a outra. Temos aqui a própria representação do amor humano, que é aprendizado, constância, superação no dia a dia das dificuldades e do egotismo:

*“O desejo de um ser o outro
De o da esquerda entrar no da direita
De serem os dois inseparáveis.
Apenas um – feito um óbvio
Núcleo irradiador de flores.
Assim se é (se deve ser)
quando se ama de verdade.
O ipê da frente da minha casa
São dois.
Eles são assim: um.”*



O livro vai, assim, declinando os signos do amor e suas diferentes formas de manifestação, sua geometria, sua arquitetura, a sutil teia de anseios e emoções que envolvem esse sentimento e que vão da paixão física à amizade e ao amor como sentimento fraterno e solidário, que aproxima os seres humanos de diferentes países e continentes, mesmo num momento de pandemia, em que milhões de pessoas estão isoladas.

O amor é uma forma de agnição e de cognição, que se dá também pela contemplação da natureza, pela auscultação dos mistérios da vida, pelo respeito pelo mundo vegetal e animal, pela paixão pelos livros e pela arte, pelo apreço e admiração por grandes poetas e intelectuais, como Pasolini e Gramsci, explicitamente citados no livro.

Ao fazer isso, ao experienciar o amor em suas ambiências e constâncias, em nenhum momento esse lirismo omite a consciência de que o amor tem um outro lado, a sua negação, que resulta em aridez e na avidez com que se recusa a milhões de indivíduos a dignidade e o direito à vida. Eis que a poesia é, então, o antídoto contra a indiferença, porque nos leva para além das aparências e solicita a ação. E porque, nela, somos também o outro, o olhar do poeta colhe os seres deslocados e descartados por uma sociedade classista e injusta: “o país e nossa miséria / estão nos músculos / tristes do sorriso / arrasado de ramona”.

Poesia é, pois, para Alexandre Pilati, invenção, evocação, memória, abraço, compartilhamento e, como afirma:



*“é bom saber que há gente
em forma de vulcão
que resgate da tragédia
a símula santa
da vida que de nada necessita
a não ser sair por aí
sabendo que ela continua
nos tirando da lama
do breu
tomando seu gim
em nome da beleza”*

Sim, é bom saber que há gente “em forma de vulcão”, que há poetas. E poesia.

Prefazione

L'AMORE NELLE SUE ATMOSFERE E COSTANZE...

VERA LÚCIA DE OLIVEIRA³

“Il cuore ha le sue ragioni che la ragione non conosce.”

Pascal

Nella “Presentazione”, con la quale si apre l’antologia, l’autore afferma che “ogni poesia è un desiderio di dialogo”. Niente di più vero, in effetti, ma lo è due volte tanto se applicato al lirismo solidale di Alexandre Pilati. L’avevamo già notato nel libro *Autofonia* (2017), nell’articolo “La poesia partecipe di Alexandre Pilati”, pubblicato nella rivista italiana *Fili d’acrilone*. Lì affermo che questo lirismo è “poesia scomoda e critica nelle sue indagini di senso e di forma, è poesia che ci sollecita e non consola, anche se non è mai nichilista perché il poeta crede al ruolo della poesia e della letteratura come forze umanizzatrici potenti, capaci di ricordarci valori come

3. Poeta e critica, insegna letteratura portoghese e brasiliiana presso l’Università degli Studi di Perugia.

la solidarietà, l’empatia, la sensibilità, l’amore, il rispetto per ogni essere e per la natura in generale.”⁴

Tutti questi elementi sono presenti anche ne *Il mio cuore e altre poesie*. Cominciamo dal titolo, *Il mio cuore*, che riprende un *topos* tradizionale. Perché questa scelta? Essendo poeta, professore e critico sottile e raffinato, l’impiego di un termine usato e usurato rimanda all’aspirazione di reimmergerlo nei suoi sensi autentici e viscerali. Non è un caso che la prima poesia riprenda la parola a partire dalle accezioni più prosaiche, in cui “cuore” è paragonato a “spelonca” e “bigiotteria” – “Il mio cuore // è una spelonca (...) / il mio cuore: / bigiotteria” – per poi effettuare, nei componimenti successivi, una specie di riscatto o, se preferiamo, di risignificazione paradigmatica della parola “cuore”, declinandolo in accezioni più complesse e ampie.

Si tratta, qui, di un libro di amore (e sull’amore), sentimento, come sappiamo, tra i più vitali e indefinibili dell’essere umano, capace di sopravvivere al dolore e di dare un senso alla morte:

“Cuore, dimmi di sì.

*L’amore non sa attendere, no, va piano
rapidamente.*

Poiché ha il compito di negare la morte.

*L’amore come una tigre
apre gli occhi della fine,*

4. OLIVEIRA, V. L., “La poesia partecipe di Alexandre Pilati”, in *Fili d’aqulone*, Roma, gennaio/aprile 2019, n. 51 (www.filidaquilonne.it).

*fa la barba morta ai soldati,
che rivivono dentro il pubescente prostrare.*

(...)

E l'amore è questa rosa, che chiamiamo luna.

*Ricordo: resiste nei fantasmi
che arpeggiano i timbri della luce.”*

Tra le tante poesie esemplari, forse la più potente immagine dell'amore si trova nella poesia “In a sentimental mood”, in cui due alberi di ipê diventano uno unico pur mantenendo ciascuno la propria individualità: “L’ipê davanti a casa mia / Sono due. / Loro sono così: uno”. È questa la logica dell'amore, che rifiuta la mera ragione cartesiana, poiché ammette e convive con le contraddizioni. È commovente, in questi versi, la metafora dei due grandi alberi del cerrado, che resistono al tempo e si sostengono fieri, senza che l’uno subisca o soffochi l’altro. Abbiamo qui esattamente la rappresentazione dell'amore umano, che è apprendimento, costanza, superamento quotidiano delle difficoltà e dell'egotismo:

*“Il desiderio dell'uno di essere l'altro
Di quell'a sinistra di infilarsi in quello di destra
D'essere entrambi inseparabili.
Solo uno – come ovvio
Nucleo irradiatore di fiori.*



*Così è (dev'essere)
Quando si ama davvero.*

*L'ipê davanti a casa mia
Sono due.
Loro sono così: uno.”*

Il libro, così, declina i segni dell'amore e le sue diverse forme di manifestazione, la sua geometria, la sua architettura, la sottile tela di desideri ed emozioni che coinvolgono questo sentimento e che vanno dalla passione fisica all'amicizia e all'amore come sentimento fraterno e solidale, che ravvicina esseri umani di diversi Paesi e continenti, anche in un momento di pandemia, in cui milioni di persone sono isolate.

L'amore è una forma di agnizione e di cognizione, che avviene anche attraverso la contemplazione della natura, l'ascolto dei misteri della vita, il rispetto per il mondo vegetale e animale, la passione per i libri e per l'arte, la riconoscenza e ammirazione per grandi poeti e intellettuali, come Pasolini e Gramsci, esplicitamente citati nel libro.

Nel far ciò, nello sperimentare l'amore nelle sue atmosfere e costanze, in nessun momento questo lirismo omette la conapevolezza che l'amore ha un altro lato, la sua negazione, che risulta nell'aridità e avidità con cui si rifiutano la dignità e il diritto alla vita a milioni di individui. Ecco che la poesia è, quindi, l'antidoto contro l'indifferenza, poiché ci porta oltre le apparenze e sollecita azione. E poiché, in essa, siamo anche l'altro, lo sguardo del poeta coglie gli esseri dislocati e scartati



da una società classista e ingiusta: “il paese e la nostra miseria / sono nei muscoli / tristi del sorriso / devastato di Ramona”.

La poesia, per Alexandre Pilati, è invenzione, evocazione, memoria, abbraccio, condivisione e, come afferma:

*“è bello sapere che c’è gente
in forma di vulcano
che riscatti dalla tragedia
il sacro referto
della vita che di nulla ha bisogno
se non di andare in giro
sapendo che lei continua
a riscattarci dal fango
dal catrame
prendendo il suo gin
in nome della bellezza”*

Sì, è bello sapere che c’è gente “in forma di vulcano”, che ci sono i poeti. E la poesia.

Meu coração

é uma spelunca
embrulha-se
e engulha-se
engula-se!
como uma foto
de satélite
impreciso e impressionante
meu coração
só símbolo
só sim
só
meu coração:
bijuteria.

// mio cuore

è una spelonca
s'accartoccia
e si stucca
s'ingozzi!
come una foto
di satellite
impreciso e impressionante
il mio cuore
solo simbolo
solo sì
solo
il mio cuore:
bigiotteria.



Luminária

esta lua de inverno
cárie na boca do sertão
na escuridão torta e estatelada
é o nosso pobre sol de Maiakóvski
rodelá de prata
vintém terrorista
detergente
proletária
solta lá no céu é só uma gravura na sala de estar periférica
um desagravo – desagregado satélite
ofuscada e fraca parece que pisca
mas luminará para toda a eternidade!
que ela brilhe mais que a fome, que a seca e que a morte
!que ela seja o lema que me leva!
vá prafóra, proesgoto
o oco negro que me chama
do shamisem de chamas de Times Square!



Luminaria

questa luna d'inverno
carie nella bocca del sertão
nell'oscurità storta e prostrata
è il nostro povero sole di Maiakóvski
rondella d'argento
centesimo terrorista
detergente
proletaria
sciolta lassù nel cielo è solo un'immagine nel salotto periferico
uno sgravio – disgregato satellite
offuscata e fiacca sembra lampeggi
ma illuminerà per tutta l'eternità!
che essa brilli più della fame, della siccità e della morte!
!che essa sia il motto che mi porta!
viadaqui, vialontano
Il vuoto nero che mi chiama
dallo shamisen di fiamme di Times Square!





A Pasolini

*con te nel cuore,
in luce, contro te nelle buie viscere*

P. P. Pasolini

dou-te meu colo,
fênix friulana, nunca de Bologna
quero tua boca e tua língua
numa Roma dividida em duas
metades da morte
(a medíocre alegria de haveres burgueses)
(o subproletariado felando a mercadoria)
ao pé de Gramsci, um arrepio de Wordsworth
e, é claro, as fontes! é claro, as cartas, o cárcere!
com tuas cinzas unto-me para o mundo
sinistro e sem par, sem pai – cazzo!
teu corpo rebrilha numa praia daqui ou de marte
massacrado para sempre
teu corpo rebrilha em pele vermelha dentro de mim
testemunha para sempre
a paixão fica por mil, mais velha – secreta – e de novo virgem
sinto muito,
não existe mais carne que possa como a tua
(povero straccio di coscienza)
fazer o mundo tingir-se outra vez de infâmia e de aurora





A Pasolini

*con te nel cuore,
in luce, contro te nelle buie viscere*

P. P. Pasolini

ti do il mio collo,
fenice friulana, mai di Bologna
voglio la tua bocca e la tua lingua
in una Roma divisa in due
metà della morte
(la mediocre allegria degli averi borghesi)
(il sottoproletariato che succhia la merce)
ai piedi di Gramsci, brividi di Wordsworth
e, è ovvio, le fonti! è ovvio, le lettere, il carcere!
con le tue ceneri mi ungo per il mondo
sinistro, senza compagno, senza padre – cazzo!
il tuo corpo risplende su una spiaggia di qui o di marte
massacrato per sempre
il tuo corpo risplende in pelle rossa dentro di me
testimone per sempre
la passione a mille, più matura – segreta – e di nuovo vergine
mi dispiace,
non esiste più carne che possa come la tua
(povero straccio di coscienza)
fare il mondo tingersi un'altra volta d'infamia e di aurora



Ocaso

talvez ali
no ínfimo ângulo
onde a lenta tarde espurge
seus intensos dedos de mênstruo
sobre a crise e o sistema que se expandem;
talvez, só talvez,
nos esparsos becos que o lusco-fusco
ilumina em breves suspensos minutos,
onde presto se esconderão nódoas e escarros
desprezos vesperais algo dirão com a ima língua dos es-
quecidos.
(fetiches negaceiam,
encena-se o sempre monstro
– será de volta frustra
promessa a noite?)
é então que amalgamam-se no pré-tom da noite
sujeito, objeto, escravo, senhor; sujeita-se
o eu a esfacelar-se em difuso corpo e letreiros.
é então que se escreve um poema que busca
a mimese dos vazios, o canto eloquente
do silêncio louco que estrui teu nome
– o nome do outro –
em cada vácuo da terra anciã e cansada
mas cujo ventre esbulhado ainda é capaz
de atra violência: de ânsias e tempestades.

Occaso

forse lì
nell'infimo angolo
dove il lento pomeriggio sparge
le sue intense dita di mestruo
sulla crisi e il sistema che si spandono;
forse, soltanto forse,
negli sparsi vicoli che il crepuscolo
illumina in brevi minuti sospesi,
dove presto si nasconderanno macchie e sputi
disprezzi vesperali qualcosa diranno con la lingua ima dei di-
menticati.
(feticci adescano,
si sceneggia il sempre mostro
– sarà un'altra volta frusta
promessa la notte?
è allora che si amalgamo nei pre-toni della notte
soggetto, oggetto, schiavo, signore; si assoggetta
l'io a scheggiarsi in diffusi corpi e insegne.
è allora che si scrive un poema che cerca
la mimesi dei vuoti, il canto eloquente
del silenzio pazzo che distrugge il tuo nome
– il nome dell'altro –
in ogni vacuo della terra anziana e stanca
il cui ventre spogliato ancora è capace
di atra violenza: di ansie e tempesta.

Garça

forma-linha
isenta do caos
eis a garça entre desgraças
branca entre o verde
das garrafas de guaraná
no raso do Lago
Paranoá
estranhada dos eco-problemas
como um poema pós-utópico
ela finca sua magra e bela pobreza
sua magra e bela bandeira
de puro mastro
infensa ao futuro e ao presente, mas não ao passado
sua frágil altivez é...
...é o que deu pra arranjar
para corrigir um pouco o curso
e o ranger
da destruição
que chamamos civilização

Airone

forma-linea
esente dal caos
ecco l'airone tra le disgrazie
bianco tra il verde
delle bottiglie di guaranà
nel raso del Lago
Paranoá
estraniato dagli eco-problemi
come un poema post-utopico
lui infila la sua magra e bella povertà
la sua magra e bella bandiera
di puro albero (maestro)
avverso al futuro e al presente, ma non al passato
la sua fragile alterigia è...
...è ciò che si è potuto arrangiare
per correggere un po' il corso
e lo stridere
della distruzione
che chiamiamo civilizzazione



Caracol

livros que li
esta casca
de peles e palavras
esta casa
de danças e dilema
que me fiz
patuá de afetos
que me protege
por dentro de mim



Lumaca

libri che ho letto
questo guscio
di pelli e parole
questa casa
di danze e dilemma
che mi sono fatto
amuleto di affetti
che mi protegge
da dentro di me





Tábua da lei

debaixo deste telhado de paoi
– range-range seco, país de palha –
há um fósforo e uma caixa de fósforos
cuja marca é ‘ordem e progresso’
...e uma tabuleta com gravada lição
“risque para descobrir
em quanto combustível
estamos mergulhados”





Tavola della legge

sotto questo tetto di fienile
– stridi-stridi secco, Paese di paglia –
c’è un fiammifero e una scatola di fiammiferi
la cui marca è “ordine e progresso”
...e una tavoletta con incisa una lezione
“sfrega per scoprire
in quanto combustibile
siamo immersi”



Da porta pra lá

É um deserto
Não tem amor
Não tem perdão
Não tem cão
É uma insônia só
Que queima a água dos olhos
E a poesia?
É a flor aquela...
Que entristece o vaso.



Dalla porta in là

È un deserto
Non c'è amore
Non c'è perdono
Non c'è un cane
È solo un'insonnia
Che brucia l'acqua degli occhi
E la poesia?
È il fiore quella...
che intristisce il vaso.



O amor

Eu te dei o nome do fogo
E todas as ruas se tornaram
Urgência por aquilo que inventas.
Desde então, os anjos sobre a cidade
Desatinaram enlouqueceram rebentaram.
E todo instante em meu corpo
É um cristal em febre
Que tece a marcha doce
Da luz azul que se chama amanhã
E se apossa das palavras que inexistem.
E meus olhos são essa corrente
De flores estendida entre a lua
E o pequeno coração dos pássaros.

L'amore

Ti detti il nome del fuoco
E tutte le strade divennero
Urgenza per ciò che inventi.
Da allora, gli angeli sulla città
Ammattirono impazzirono scoppiarono.
E ogni istante nel mio corpo
È un cristallo in fervore
Che tesse la marcia dolce
Della luce blu che si chiama domani
E si impossessa delle parole che inesistono.
E i miei occhi sono questa catena
Di fiori stesa tra la luna
E il piccolo cuore dei passeri.

Estudo para sonho

nas tardes de sábado
as cidades ficam irmãs
ombreiam-se de Quito a Calcutá
Uagadugu ou São Paulo.
todas (ou quase todas)
nos cedem, estufas silentes,
o quente conforto
de um abraço-mundo
onde as árvores põem
as sombras e dispersam-se
por momentos preciosos
os dentes de ameaça do futuro.
podemos talvez engatinhar
atrás de uma brisa de ilusão
ou preguiça, nariz à janela
ou pés no chão popular da praça.
(encare às quinze e trinta e um
de uma tarde de sábado
quem mora na rua bem
dentro do ouro sujo dos olhos
e ouça de sua boca fechada
os estilhaços de vida flores
e sonhos partirem-se e viajarem
até você em murmúrio de motor).
pois o dinheiro tropeça
em suas próprias pernas

golpeado por uma luz
que sangra sonho.
luz que ao ampliar-se
deita-nos em um colo
imenso, triste e bom:
dispensa-se a dor
apagam-se energias.
são uterinas as cidades
quando as tardes de sábado
deixam supor que estamos
sob um manto de amor.

Studio per sogno

nei pomeriggi di sabato
le città diventano sorelle
si spalleggiano da Quito a Calcutta
Ouagadougou o San Paolo.
tutte (o quasi tutte)
rilasciano, serre silenti,
il caldo conforto
di un abbraccio-mondo
in cui gli alberi poggiano
le ombre e si disperdono
per momenti preziosi
i denti di minaccia del futuro.
possiamo forse gattonare
dietro una brezza di illusione
o pigrizia, naso alla finestra
o piedi sul suolo popolare della piazza.
(metti alle quindici e trentuno
di un pomeriggio di sabato
chi abita in una via proprio
dentro l'oro sporco degli occhi
e ascolta dalla sua bocca chiusa
le schegge di vita fiori
e sogni partire e viaggiare
fino a te in mormorio di motore).
perché il denaro inciampa
sulle sue proprie gambe



colpito da una luce
che sanguina sogno.
luce che ampliandosi
ci corica in un grembo
immenso, triste e buono:
si risparmia il dolore
si spengono le energie.
sono uterine le città
quando i pomeriggi di sabato
lasciano supporre che siamo
sotto un manto di amore.



Rainha

Ramona bate na cara
rabisca na cara
a navalha
porque não sabe
escrever de outro jeito
Ramona te quebra
o nariz te leva a carteira
te rasga o rabo as vestes
te mata até a alma
e sabe que foi golpe
Ramona ri
Ramona tem pinto
usa turbante
pode ficar de pau duro
lhe falta dente
lhe alegraram as flores
o sangue ela limpa
Ramona é humana
é a rainha da república
o país e nossa miséria
estão nos músculos
tristes do sorriso
arrasado de Ramona
“no dia que sonhei
quis mudar meu nome
pra Vera mas desisti:
Ramona é mais a minha
cara, cara de rainha”

Regina

Ramona si schiaffeggia
scarabocchia la faccia
col rasoio
perché non sa
scrivere in un altro modo
Ramona ti rompe
il naso ti porta via il portafoglio
ti rompe il culo e i vestiti
ti uccide perfino l'anima
e sa che è stato un *golpe*
Ramona ride
Ramona ha il cazzo
usa il turbante
le s'ingrossa la cappella
le mancano denti
la rallegrano i fiori
il sangue lei pulisce
Ramona è umana
è la regina della repubblica
il paese e la nostra miseria
sono nei muscoli
tristi del sorriso
devastato di Ramona
“il giorno in cui sognai
volli cambiare il mio nome
in Vera ma poi ci rinunciai:
Ramona è più adatto
a me, adatto a una regina”

Curumim

a mãe está no alto
sobre ossos santa
sentada no altar
buda magra acima
de todas as tumbas
ereta ainda no útero
sem bordas da noite
ampliada à última
unha da estratosfera
a mãe está no alto
de lá despalanca
a fusão de tudo
miseravelmente
formado à deriva
do delírio do delito
não há entretons
nesta hora de maria
desde ali onde a mira
o curumim para
tornar beleza
a crase do fumo
e da garra da vida
brilhando no fundo
dos olhos de vidro
que ainda buscam a fé

Curumim⁵

la mamma sta in alto
sulle ossa santa
seduta sull'altare
magra buddha sopra
a tutte le tombe
eretta ancora nell'utero
senza bordi della notte
ampliata fin'all'ultima
unghia della stratosfera
la mamma sta in alto
da lì scatena
la fusione di tutto
miserabilmente
formato alla deriva
del delirio del delitto
non c'è sfumatura
in quest' ora di maria
da lì dove l'osserva
il curumim per
diventare bellezza
l'amalgama del fumo
e della forza della vita
brillando nel fondo
degli occhi di vetro
che ancora cercano la fede

5. Parola del linguaggio indígeno tupi que significa “fanciullo” o “bambino”.

In a sentimental mood

O pé de ipê da frente da minha casa
São dois.

De longe é difícil reparar nisso.
Tanto que dizem de lá ao chegar:
“A casa branca do ipê roxo”.

Mas chegando perto
Dá pra ver e ter certeza:
O pé de ipê da frente da minha casa
São dois.

De perto se vê a tenacidade
Com que se procuram os galhos
Lenta e inexoravelmente.

Se confundem talvez há séculos.
Como um relógio paralelo

No meio do cerrado
Marcando o tempo
Grosso da alma das árvores
O tempo grosso de sua pele
O tempo grosso de sua sintaxe,
Feita de pura calma e determinação.

O desejo de um ser o outro
De o da esquerda entrar no da direita
De serem os dois inseparáveis.
Apenas um – feito um óbvio
Núcleo irradiador de flores.
Assim se é (se deve ser)

quando se ama de verdade.
O ipê da frente da minha casa
São dois.
Eles são assim: um.
Quem os olhasse da esquina diria:
“Ali naquela casa está plantada
Uma carta contra o vazio
Que grita palavras de púrpura,
As únicas que sabe dizer”.
Quem passar por ali à noite,
De mãos dadas, poderá dizer:
“Ali naquela casa está plantado
Um pé de ipê que são dois
E de seu abraço estira-se,
No anoitecer, uma frase natural
Que dirige o olhar
De quem passa (e ama)
Para o longe das estrelas
Que são tantas e tão inexplicáveis
Como aqueles pés de ipê
Que na verdade são um”.

In a sentimental mood

L'albero d'ipê⁶ dirimpetto a casa mia
Sono due.

Da lontano è difficile accorgernese.
Tanto è che quando ci arrivano dicono:
“La casa bianca dell'ipê viola”.

Ma all'avvicinarsi
Si vede e se ne ha certezza:
L'albero d'ipê davanti a casa mia
Sono due.

Da vicino si vede l'ostinazione
Con cui i rami si cercano
Lentamente, inesorabilmente.
Si confondono forse da secoli.
Come un orologio parallelo
In mezzo al cerrado⁷
Segnando il tempo
Grosso dell'anima degli alberi
Il tempo grosso della sua pelle
Il tempo grosso della sua sintassi,
Fatta di pura calma e determinazione.
Il desiderio dell'uno di essere l'altro
Di quell'a sinistra di infilarsi in quello di destra

6. Parola del linguaggio indigeno tupi per l'albero del genere tecoma che fornisce legno pesante, duro, e fiorisce una volta all'anno, in rosa, giallo o bianco, dopo aver perso tutte le foglie.

7. Parola del portoghese che designa un tipo di savana tropicale e subtropicale, anche nota come “savana brasiliiana”.

D'essere entrambi inseparabili.
Solo uno – come ovvio
Nucleo irradiatore di fiori.
Così è (dev'essere)
Quando si ama davvero.
L'ipê davanti a casa mia
Sono due.
Loro sono così: uno.
Chi li osservasse dall'angolo direbbe:
“In quella casa lì è piantata
Una lettera contro l'invano
Che urla parole porpora,
Le uniche che sa dire”.
Chi passerà di lì la sera,
Tenendosi per mano, potrà dire:
“In quella casa lì è piantato
Un albero di ipê che sono due
E dal suo abbraccio s'allunga,
Al crepuscolo, una frase naturale
Che conduce lo sguardo
Di chi passa (e ama)
Verso le lontane stelle
Che sono tante e così inspiegabili
Come quei due alberi di ipê
Che in realtà sono uno”.

Você volta pra ela

é bom sair por aí
sabendo que ela ainda toma
seu gim com limão ou qualquer outra coisa
que seque as lágrimas e tenha a força
de queimar todos todos mesmo todos
os arrependimentos
é bom saber
sol à testa numa estrada por aí
que ela canta com umas asas novas
que ela tem a garra e a graça de uma flor
de uma fonte que nunca desiste de viver
e tomar o seu gim como fazem
todas as garotas atravessadas pelo dom
é bom saber
da poesia que se dissipia na prosa
de qualquer canela a perder-se no mundo
atrás apenas de um amor de um gim
de um colo de um espaço
de uma fresta que manche a monotonia
entre agudos de corvo e graves de canário
é bom saber que há gente
em forma de vulcão
que resgate da tragédia
a súmula santa
da vida que de nada necessita
a não ser sair por aí

sabendo que ela continua
nos tirando da lama
do breu
tomando seu gim
em nome da beleza

Tu torni da lei

è bello andare in giro
 e sapere che lei ancora prende
 il suo gin col limone o qualunque altra cosa
 che asciughi le lacrime e abbia la forza
 di bruciare tutti tutti ma proprio tutti
 i pentimenti

è bello sapere
 col sole sul capo su una strada qualunque
 che lei canta con delle nuove ali
 che lei ha la fibra e la grazia di una forza
 di una fonte che non smette mai di vivere
 e di prendere il suo gin come fanno
 tutte le ragazze attraversate dal dono

è bello sapere
 della poesia che si dissolve nella prosa
 di un paio di piedi a perdersi nel mondo
 in cerca solo di un amore di un gin
 di un grembo di uno spazio
 di una fessura che macchi la monotonia
 tra gli acuti di corvo e i gravi di canarino

è bello sapere che c'è gente
 in forma di vulcano
 che riscatti dalla tragedia

il sacro referto
della vita che di nulla ha bisogno
se non di andare in giro
sapendo che lei continua
a riscattarci dal fango
dal catrame
prendendo il suo gin
in nome della bellezza

Festina lente

Quem voltou
nos disse:
que a barba dos jovens
segue crescendo
dois dias
com pressa lenta
após os olhos se fecharem.

Leis da vida, do caos.

O rio segue o seu curso.
Gritos afundam.

Alguém espera o retorno
de olhos espessos.
Os cães passam e desentendem.
O crepúsculo procria.

Há uma dança próxima da dor
ao longe, no subterrâneo:
que se chama a guerra e seus vãos,
na cova que recebe
estes filhos, meninos,
que nem mereceram nuvens.

O tempo é incorrigível e velho.



Tal como ruínas que flutuam
acima do andar mais alto.

O vento são sílabas:
um sangue sem células,
de um vermelho transparente.

Eu respiro, ainda.
Ainda, tu respiras.

Mas diga sim, coração.
O amor sabe esperar não, vai devagar
rapidamente.
Pois tem a tarefa de negar a morte.

O amor como um tigre
abre os olhos do fim,
raspa a barba morta dos soldados,
que revivem dentro do púbere aniquilar.

Eles não voltam. Eles não voltarão.
Nem que alguém sorria, pois o luto
é o peito da pedra.

A pressa é amiga da lentidão.
E o amor é esta rosa, que chamamos lua.

Lembrança: resistência nos fantasmas
que dedilham os acentos da luz.



Festina lente

Chi ritornò
ci disse:
che la barba dei giovani
continua a crescere
per due giorni
con lenta fretta
dopo la chiusura degli occhi.

Leggi della vita, del caos.

Il fiume segue il suo corso.
Le urla s'inabissano.
Qualcuno attende il ritorno
di occhi copiosi.
I cani passano e contendono.
Il crepuscolo procrea.

C'è una danza vicina al dolore
lontana, nel sotterraneo:
che si chiama la guerra e i suoi cavi,
nella tomba che riceve
questi figli, bambini,
che neppure meritarono nuvole.

Il tempo è impenitente e vecchio.
Così come raderi che galleggiano

al di sopra del piano più alto.

Il vento sono sillabe:

un sangue senza cellule,

di un rosso trasparente.

Io respiro, ancora.

Ancora, tu respiri.

Cuore, dimmi di sì.

L'amore non sa attendere, no, va piano

rapidamente.

Poiché ha il compito di negare la morte.

L'amore come una tigre

apre gli occhi della fine,

fa la barba morta ai soldati,

che rivivono dentro il pubescente prostrare.

Loro non tornano. Loro non torneranno.

Nemmeno se qualcuno sorriderà, poiché il lutto

è il petto della pietra.

La fretta è amica della lentezza.

E l'amore è questa rosa, che chiamiamo luna.

Ricordo: resistenza nei fantasmi

che arpeggiano i timbri della luce.

Poema

Você está ali
em pleno campo de batalha,
disposto a tudo.
Até a entrar pelo cano.
Mas é claro
que isso é muito
fora das probabilidades.
Confere o bolso traseiro,
a capa de toureiro está lá.
Vê que o grito está lá,
preparado goela abaixo:
pronto pra ferver o estômago,
passar batido, estourado,
pelo coração e romper a garganta.
Tudo pronto: você se enxerga
no meio da arena,
amando a própria coragem...
E dias depois, no hospital,
ainda acha que foi a brisa
o que inebriou-lhe os sentidos.
Foi a brisa ou o grito da geral?
O que não lhe fez perceber
de que lado veio
aquele cavalo a galope
de uma tonelada
que lhe pisou por cima

à mera ameaça que você fez
de erguer o muque
e tentar dizer
“eu te amo!”?
Tudo isso quando era tarde,
demasiadamente tarde.

Poesia

Tu stai lì
in pieno campo di battaglia
pronto a tutto.
Anche a fare una finaccia.
Ma è chiaro
che questo è molto
al di fuori delle probabilità.
Controlli la tasca di dietro,
la cappa da torero sta lì.
Vedi che il grido sta lì,
preparato nel gozzo:
pronto per far bollire lo stomaco,
passare colpito, scoppiato,
per il cuore e rompere la gola.
Tutto pronto: ti scorgi
in mezzo all'arena,
ad amare il tuo proprio coraggio...
E giorni dopo, in ospedale,
pensi ancora sia stata la brezza
ciò che ti ha inebriato i sensi.
È stata la brezza o il grido della curva?
Cos'è che non ti fa capire
da che lato è venuto
quel cavallo al galoppo
di una tonnellata
che è passato sopra



alla mera minaccia che hai fatto
di mostrare il bicipite
e cercare di dire
“ti amo!”?

Tutto ciò quando era tardi,
eccessivamente tardi.



Paisagem

Como estamos longe,
a vista é quase incapaz
de discernir os movimentos.
Mas sabemos, pela ajuda
providencial dos outros sentidos,
que um jovem corre
através da planície e persegue
a beleza, que parece dizer não.
E por algum motivo
nos anima trazer ao colo
a suspeita de que ela diria
sim em certo momento
desta ou de outra encarnação.
O consolo é que ele a persegue,
por entre acordes azuis ou verdes,
como se o presente fosse
o significado essencial do futuro.
A voz do velho que nos diz
tudo isso é bela demais
para que se possa
por em palavras. É bela:
como um livro grande,
pesado, com seu gosto
de outras mãos,
com seu perfume
de tanto tempo. É bela:

como é lindo um livro
em silêncio que abriga
o mundo e tudo
que ele transpira.
Uma paisagem é isso.
E olhar para ela
é arriscar-se
ao manuseio
do mais delicado
anzol: uma lágrima
de gentileza se derrama
e torna patente
que no meio das sombras
da anatomia do horizonte
repousa tranquilo
um bicho bonito
chamado coração.

Paesaggio

Poiché siamo lontani,
 la vista è quasi incapace
 di discernere i movimenti.
 Ma sappiamo, per l'aiuto
 provvidenziale degli altri sensi,
 che un giovane corre
 attraverso la pianura e persegue
 la bellezza, che pare dire no.
 E per qualche motivo
 ci esalta portare al collo
 il sospetto che egli direbbe
 sì in un qualche momento
 di questa o dell'altra incarnazione.
 La consolazione è che lui la rincorre,
 tra accordi azzurri o verdi,
 come se il presente fosse
 il significato essenziale del futuro.

La voce del vecchio che ci dice
 tutto ciò è troppo bella
 perché si possa
 mettere in parole. È bella:
 come un libro grande,
 pesante, col suo gusto
 di altre mani,
 col suo profumo

di tanto tempo. È bella:
come è bello un libro
in silenzio che protegge
il mondo e tutto
quel che traspira.

Un paesaggio è questo.
E guardarla
è arrischiarsi
nel movimento
del più delicato
amo: una lacrima
di gentilezza si versa
e rende evidente
che in mezzo alle ombre
dell'anatomia dell'orizzonte
riposa tranquillo
un bell'animale
chiamato cuore.

Tranquilito

Chegue bem perto do facínora.
Fareje suas roupas, o cangote.
Não há outra catinga possível.
O facínora cheira a homem.
Adentre a casa do facínora.
Sinta-a por dentro. Faça um safári
através da saleta, viaje nos cômodos.
A casa do facínora é um lar.
Se der, converse com a mulher.
Faça graça com as crianças.
O facínora é mesmo um pai de família.
Reviste os documentos, repare no lixo.
Em lençóis pequeno-burgueses dorme
e até sonha, tranquilito, o facínora.

Buono buono

Arriva vicinissimo al delinquente.
Annusa i suoi panni, il collo.
Non c'è altro fetore possibile.
Il delinquente sa di uomo.
Entra nella casa del delinquente.
Sentila dentro. Fai un safari
per il salotto, viaggia nei mobili.
La casa del delinquente è una dimora.
Se riesci, conversa con la moglie.
Gioca con i bambini.
Il delinquente è davvero un padre di famiglia.
Controlla i documenti, fai caso all'immondizia.
Tra lenzuola piccolo-borghesi dorme
e addirittura sogna, buono buono, il delinquente.

Fantasia

Num ano como este,
é talvez inesperado
que os bois sambem.
Mas, não custa reiterar,
os bois sabem sambar,
sabem que há urgência em balançar.
Pouco lhes importa o ano.
Podem fazê-lo, bovinamente,
a qualquer hora.
Inclusive num ano como este,
que passa de improviso
sobre nossas cabeças.
E não precisam de avenida:
os bois fazem de qualquer pasto
o seu sambódromo.
Quando sambam os bois reiteram
o peso que carregam, peso que é
o ser boi em meio a tantas coisas sutis.
Derivam, às vezes, do samba
ao frevo e ao axé, mas seguem,
com disciplina, amassando o capim,
que é seu lugar, seu combustível,
sob os pés, ao redor da língua
e, é claro, entre os dentes muito lerdos.
Como se fosse o seu tempo
o mesmo das lesmas, os bois cantam

Marchinhas e sambas-canção
em seu carnaval feito de câmera lenta.
Nos bois, a lentidão é uma lei
que não se revoga por qualquer folia.
E lá vão os bois em seu bloco,
como se dentro de um aquário
em que a gravidade assumiu vida própria.
E lá vão os bois em seu samba
com seus olhos tão tristes,
que nenhuma alegria transitória
é capaz de conspurcar.
Esta, de fato, a lição do amplo gado
que, no entardecer feliz
de uma terça-feira gorda,
desliza quase a fórceps
na paisagem:
os bois, ao sambarem,
não deixam jamais de ser bois.
Ruminam, mugem e pastam.
Esta é, dizem os cientistas,
a parte melhor
da sua lúcida e silenciosa
fantasia.

Fantasia

In un anno come questo,
 è forse inaspettato
 che i buoi sambino.
 Ma, non costa ribadirlo,
 i buoi sanno sambare,
 sanno che urge dondolare.
 Poco importa loro l'anno.
 Possono farlo, bovinamente,
 a qualunque ora.
 Anche in un anno come questo,
 che passa all'improvviso
 sulle nostre teste.
 E non hanno bisogno di strade:
 i buoi fanno di qualunque pascolo
 un sambodromo.
 Quando sambano i buoi ribadiscono
 il peso che portano, peso che è
 l'essere bue in mezzo a tante cose sottili.
 Derivano, a volte, dal samba
 al frevo e all'axé⁸, ma continuano,
 con disciplina, spappolando l'erba,
 che è il loro posto, il loro combustibile,
 sotto i piedi, intorno alla lingua
 e, chiaro, tra i denti molto lenti.

8. Generi musicali di origine popolare, nati rispettivamente negli Stati di Pernambuco e Bahia, e oggi caratteristici del carnevale brasiliano.

Come se il loro tempo fosse
lo stesso delle lumache, i buoi cantano
marchinha e samba-canção⁹
nel loro carnevale al rallentatore.
Nei buoi, la lentezza è una legge
che non si revoca per una baldoria qualunque.
Ed ecco i buoi in corteo,
come dentro un acquario
in cui la gravità ha assunto vita propria.
Ed ecco i buoi che sambano
con gli occhi così tristi
che nessuna allegria transitoria
è capace di imbrattare.
Questa, di fatto, la lezione del gran bestiame
che, all'imbrunire felice
di un martedì grasso,
fa quasi scorrere il forcipe
nel paesaggio:
i buoi, sambando,
giammai smettono di essere buoi.
Ruminano, muggiscono e pascolano.
Questa è, dicono gli scienziati,
la parte migliore
della loro lucida e silenziosa
fantasia.

9. Anch'essi generi musicali di origine popolare caratteristici del carnevale.

O sonho de uma coisa

Para a Simone Brantes

eu tenho
um irmão chinês.
sob as máscaras,
nossas bocas
se parecem
demasiadamente.
a micro história
dos dentes
é semelhante:
um se partiu
na juventude;
outro se extraiu
com extrema
dificuldade,
os molares doem
quando sentimos
medo ou rimos alto.
desta distância
disparatada,
construída
sem nossa ajuda,
podemos ainda
reconhecer
um ao outro.

ele diz que sonhou
comigo, eu acho
que o pus em
algum dos meus
recentes pesadelos.
nesses sonhos,
quase delírios,
pegávamos
antigas notas
muito puídas
de dólares
ou outro dinheiro
sem valor
desta Terra
ou de outra;
depois, tremendo,
lavávamos
as mãos
com uma gosma
chamada sabão.
nossas mãos,
então, se grudavam
e não era possível
mais separarmo-nos
sob nenhum
decreto ou vontade.
eu tenho
um irmão chinês.

e ele me ajuda
a aprender e ensinar
aquele cumprimento
solene em que
as espinhas se dobram
a qualquer coisa
e a qualquer um:
até à mais ínfima
criatura, que não
fala, mas segura
uma tocha
que se crava
na fenda aberta
de um globo
rompido.
agora
que estamos
tão íntimos
eu e meu irmão chinês
sairemos pela tarde
austera e crua
e esperaremos
que não seja tarde demais
para as flores, a lágrima,
o desenho à mão livre,
o amanhecer.



Il sogno di una cosa

Per Simone Brantes

ho
un fratello cinese.
sotto le maschere
le nostre bocche
si somigliano
oltremisura.
la microstoria
dei denti
è simile:
uno è rotto
in gioventù;
uno estratto
con estrema
difficoltà,
i molari fanno male
quando sentiamo
paura o ridiamo alto.
da questa distanza
insensata,
costruita
senza il nostro aiuto,
possiamo ancora
riconoscerci
l'un l'altro.



lui dice che ha sognato
me, io penso
di averlo messo in
qualcuno dei miei
incubi recenti.
in questi sogni,
quasi deliri,
prendevamo
vecchie banconote
parecchio stracciate
di dollari
o altro denaro
senza valore
di questa Terra
o altra;
dopo, tremando,
lavavamo
le mani
con una bava
chiamata sapone.
le nostre mani,
allora, si attaccavano
e non era più
possibile separarci
sotto alcun
decreto o volontà.
ho
un fratello cinese.

e mi aiuta
ad apprendere e insegnare
quell'osservanza
solenze in cui
le schiene si piegano
a qualunque cosa
e a chiunque:
anche alla più infima
creatura, che non
parla, ma regge
una torcia
che entra
nello squarcio aperto
di un globo
rotto.

ora
che siamo
così intimi
io e il mio fratello cinese
usciremo per la sera
austera e cruda
e aspetteremo
che non sia troppo tardi
per i fiori, la lacrima,
il disegno a mano libera,
l'alba.





Posfácio

A BELEZA DA POESIA É O TAMANHO REAL DA VIDA

ANA LAURA DOS REIS CORRÊA¹⁰

Se houvesse apenas uma palavra para dizer algo sobre este conjunto de poemas, eu escolheria a palavra *vínculo*, que faz deste livro “uma carta contra o vazio”¹¹.

“Num ano como este, que passa de improviso sobre nossas cabeças”, num mundo-ilha, antes levemente submerso na agitação das águas, e agora fortemente irrompido pela pandemia, *Meu coração e outros poemas* também se eleva – contra a ilha – e cria para o leitor um vínculo com a vida e com o outro: um “abraço-mundo”. Se o dinheiro, como diz Marx, tornou-se o vínculo dos vínculos, e produz um mundo invertido, onde impossibilidades se confraternizam em festa, a poesia de Pilati enfrenta o mar aberto das contradições sem exilá-las numa ilha sem saída para um mundo desinvertido, e estuda a possibilidade de um mundo em que “o dinheiro tropeça em

10. Professora do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília

11. Todas as citações, com exceção da referência aos versos de Francisco Alvim em *Metro nenhum*, apresentam títulos e versos de *Meu coração e outros poemas*, de Alexandre Pilati.



suas próprias pernas” e cede lugar à sede humana de “fazer o mundo tingir-se outra vez de infâmia e de aurora”.

O vínculo se estabelece pela exposição das contradições sob uma “Luminária” lírica, cujo brilho de “vintém terrorista”, escondido pela poeira acumulada do lirismo de convenção, levanta-se contra “o oco negro” “do shamisen de chamas de Times Square!”. As contradições fossilizadas do cotidiano manco, que impõem uma “distância disparatada” entre os homens, ganham carne, e o que era apenas tropeço se transfigura em passo ao encontro da vitalidade capaz de fazer reconhecer que, “sob as máscaras”, “nossas bocas se parecem demasia-damente”.

Esse vínculo com a unidade contraditória da vida se concretiza por um movimento metonímico, a redução que amplia: “um livro/em silêncio que abriga/o mundo e tudo/que ele transpira”. “Meu coração”, poema que abre o livro e dá título à antologia, é metonímia de todo o livro, tem na parte, nesse órgão vital da lírica, o todo. No título, como na fatura, “Meu coração” tem por trás de si todos os outros poemas e ao mesmo tempo busca engolir o mundo – “engula-se!” –, expondo simultaneamente o sufocamento e o ritmo do respirar: “Eu respiro, ainda. / Ainda, tu respiras”.

“Meu coração” soa como entrega de uma voz lírica sem grandes de poeta de torre de marfim ou de varanda de hotel distante do caos mundano. “Meu coração” é terrenal, não é uma joia rara, se expõe a olhos alheios como “bijuteria”, medida justa para a poesia, segundo Chico Alvim, “nem o mais nem o menos, (...) um metro nenhum, um metro ningüém,

um metro de nadas”: apenas “o pequeno coração dos pássaros”, de “O amor”.

“Meu coração”, em seu ritmo singular, atravessado por arritmias provocativas (“só símbolo/só sim/só”), não bate “só”, se vincula a sílabas ritmadas que trazem à superfície da “pele vermelha dentro de mim” a vibração do pulso de uma corrente ampla, tensa, irrigada e resistente: Maiakóvski, Pasolini, Gramsci, Drummond, Duke Ellington e John Coltrane... E outros “fantasmas que dedilham os acentos da luz” e fazem de “Meu coração” um “Caracol” “de peles e palavras”, que empurra a tradição lírica à procura de sua força original: “a imágua dos esquecidos”.

Cada “Poema” tem a porta aberta para a rua – “Da porta pra lá” –, pois “Meu coração” se recusa a ser proprietário ou propriedade privada, caminha para o “chão popular da praça” da vida em comum, civil, e se pergunta: “Foi a brisa ou o grito da geral?” Toda a composição dos poemas parece responder que a brisa lírica não é o inverso do grito da geral. O vínculo entre a tradição lírica e a voz popular existe porque “é bom saber/ da poesia que se dissipa na prosa/ de qualquer canela a perder-se no mundo”. Ao iluminar esse vínculo com “– o nome do outro –”, que pode ser de “Ramona” e “Curumim” até “Tranquilito”, vê-se que a lírica volta para si mesma, quando “volta pra ela”, para a dinâmica da vida:

*é bom saber que há gente
em forma de vulcão
que resgate da tragédia*

*a súmula santa
da vida que de nada necessita
a não ser sair por aí
sabendo que ela continua
nos tirando da lama
do breu
tomando seu gim
em nome da beleza*

Este livro é vínculo porque, intimamente contraditório e metonímico, resiste ao laço das convenções e segue as leis da beleza, às vezes crua, “de atra violência”, outras vezes satírica, na “lição do amplo gado”, mas sempre como uma “garça entre desgraças”, porque a beleza da poesia é o tamanho real da vida, é reunir o cada vez mais difícil e abstrato ao mais simples e concreto: o objeto com o que ele é.



Postfazione

LA BELLEZZA DELLA POESIA È LA VERA MISURA DELLA VITA

ANA LAURA DOS REIS CORRÊA¹²

Se esistesse una sola parola per dire qualcosa su questo insieme di poesie, sceglierai la parola *vincolo*, che fa di questo libro “una lettera contro il vuoto”¹³.

“In un anno come questo, / che passa all'improvviso sulle nostre teste”, in un mondo-isola, prima lievemente sommerso nell’agitazione delle acque e in cui ora ha fatto fortemente irruzione la pandemia, *Il mio cuore e altre poesie* si eleva anch’esso – contro l’isola – e crea per il lettore un vincolo con la vita e con l’altro: un “abbraccio-mondo”. Se il denaro, come dice Marx, è divenuto il vincolo dei vincoli e produce un mondo invertito, dove le impossibilità fraternizzano in festa, la poesia di Pilati affronta il mare aperto delle contraddizioni senza esiliarle in un’isola senza uscita per un mondo non invertito, e studia la

12. Professoressa del dipartimento di Teoria Letteraria e Letterature dell’Universidade de Brasília.

13. Tutte le citazioni, fatta eccezione per il riferimento ai versi di Francisco Alvim in *Metro nemhum*, presentano titoli e versi di *Il mio cuore e altre poesie*, di Alexandre Pilati.



possibilità di un mondo in cui “il denaro inciampa / sulle sue proprie gambe” e lascia spazio alla sete umana di “fare il mondo tingersi un’altra volta d’infamia e di aurora”.

Il vincolo si stabilisce attraverso l’esposizione delle contraddizioni sotto una “Luminaria” lirica, il cui scintillio di “centesimo terrorista”, nascosto dalla polvere accumulata del lirismo di convenzione, si innalza conto “il vuoto nero” “dallo shamisen di fiamme di Times Square!”. Le contraddizioni fossilizzate del quotidiano monco, che impongono una “distanza insensata” tra gli uomini, acquisiscono carne, e quel che era solo zoppo si trasfigura in passo all’incontro della vitalità capace di far riconoscere che, “sotto le maschere”, “le nostre bocche si assomigliano oltremisura”.

Questo vincolo con l’unità contraddittoria della vita si concretizza con un movimento metonimico, riduzione che aumenta: “un libro / in silenzio che protegge / il mondo e tutto / quel che traspira”. “Il mio cuore”, poesia che apre il libro e dà il titolo all’antologia, è metonimia del libro tutto, ha nella parte, in quest’organo vitale della lirica, il tutto. Nel titolo, così come nella fattura, “Il mio cuore” ha dietro di sé tutte le altre poesie e allo stesso tempo cerca di ingoiare il mondo – “s’ingozzi!” –, esponendo simultaneamente il soffocamento e il ritmo del respiro: “Io respiro, ancora. / Ancora, tu respiri”.

“Il mio cuore”, nel suo ritmo singolare, attraversato da aritmie provocatorie (“solo simbolo / solo sì / solo”), non “solo” batte, ma si vincola a sillabe ritmate che portano sulla superficie “della pelle rossa dentro di me” la vibrazione del polso di una catena ampia, tesa, irrorata e resistente: Maiakovski, Pasolini, Gramsci, Drummond, Duke Ellington e John Coltrane... E altri “fantasmi

che arpeggiano i timbri della luce” e fanno de “Il mio cuore” una “Lumaca” “di pelli e parole”, che spinge la tradizione lirica alla ricerca della sua forza originale: “la lingua ima dei dimenticati”.

Ogni “Poesia” tiene la porta aperta sulla strada – “Dalla porta in là” –, poiché “Il mio cuore” si rifiuta di essere proprietario o proprietà privata, cammina “sul suolo popolare della piazza” della vita in comune, civile, e si chiede: “È stata la brezza o il grido della curva?”. Ogni composizione delle poesie sembra rispondere che la brezza lirica non è l’opposto del grido della curva. Il vincolo tra la tradizione lirica e la voce popolare esiste perché “è bello sapere / della poesia che si dissolve nella prosa / di un paio di piedi a perdersi nel mondo”. Illuminando questo vincolo con “– il nome dell’altro –”, che può essere da “Ramona” e “Curumim” fino a “Buono buono”, si vede che la lirica si rivolge a sé stessa, quando “torna da lei”, alla dinamica della vita:

*è bello sapere che c’è gente
in forma di vulcano
che riscatti dalla tragedia
il sacro referto
della vita che di nulla ha bisogno
se non di andare in giro
sapendo che lei continua
a riscattarci dal fango
dal catrame
prendendo il suo gin
in nome della bellezza*

Questo libro è vincolo perché, intimamente contraddittorio e metonimico, resiste al laccio delle convenzioni e segue le leggi della bellezza, a volte cruda, “di atra violenza”, altre volte satirica, nella “lezione del gran bestiame”, ma sempre come un “airone tra le disgrazie”, perché la bellezza della poesia è la vera misura della vita, è riunire il sempre più difficile e astratto al più semplice e concreto: l’oggetto col quale è.



Sobre o autor

ALEXANDRE PILATI nasceu em Brasília – Brasil em 03 de fevereiro de 1976. É professor de literatura brasileira da Universidade de Brasília, crítico literário e poeta. Tem quatro coletâneas de poemas publicadas: *sqs 120m2 com dce* (NTC, 2004), *prafóra* (7letras, 2007), *e outros nem tanto assim* (7letras, 2015) e *Autofonia* (Penalux, 2018). Informações sobre sua obra podem ser encontradas no site: www.alexandrepilati.com.

ALEXANDRE PILATI è nato a Brasília (in Brasile) il 3 febbraio del 1976. È professore di letteratura brasiliana all'Università de Brasília, critico letterario e poeta. Ha quattro raccolte pubblicate: *sqs 120m2 com dce* (NTC, 2004), *prafóra* (7letras, 2007), *e outros nem tanto assim* (7letras, 2015) e *Autofonia* (Penalux, 2018). Maggiori informazioni sulla sua opera sono al sito www.alexandrapilati.com.





Sobre as tradutoras

MARISTELLA PETTI nasceu em 1992 em Bolsena (Itália). Tem mestrado em Literaturas Comparadas e Tradução Intercultural pela Università degli Studi di Perugia. È doutoranda em Crítica Literária Dialética pela Universidade de Brasília. Realiza estudos comparados a respeito dos anos de chumbo, brasileiros e italianos, na poesia para música de Chico Buarque e Fabrizio De André. Traduz e trabalha com poesia brasileira.

MARISTELLA PETTI è nata nel 1992 a Bolsena, in Italia. Laureata magistrale in Letterature Comparate e Traduzione Interculturale presso l'Università degli Studi di Perugia, è attualmente dottoranda in Critica Letteraria Dialettica presso l'Universidade de Brasília. I suoi studi comparati riguardano gli anni di piombo, brasiliani e italiani, nella poesia per musica di Chico Buarque e Fabrizio De André. Traduce e lavora nell'ambito della poesia brasiliana.

* * *



MARGARETH DE LOURDES OLIVEIRA NUNES, goianiense, graduada em Letras - Português pela Universidade Federal de Goiás, mestre em Estudos Linguísticos com uma pesquisa na área de aquisição da Língua Portuguesa no projeto de educação escolar indígena na comunidade Karajá e doutora na área de Estudos Literários com pesquisa sobre a influência das publicações da editora da UFG na formação do campo da cultura no estado de Goiás. Mestrado e Doutorado realizados no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da UFG. Trabalha desde 1994 como docente de língua e cultura italiana e Língua Portuguesa para estrangeiros no DELE – Departamento de Línguas Estrangeiras da Faculdade de Letras da UFG. Traduziu várias publicações de textos científicos de autores italianos e obras literárias de autores brasileiros. Atualmente está desenvolvendo uma pesquisa na área da tradução com autores de Goiás como Heleno Godoy, Cora Coralina e Darcy França Denófrio no campo da lírica e Hugo de Carvalho Ramos no campo da prosa.

MARGARETH DE LOURDES OLIVEIRA NUNES è nata a Goiânia, in Brasile. Ha conseguito la laurea in Lettere - Portoghese presso l'Università Federale di Goiás, la magistrale nell'area degli Studi Linguistici con una ricerca sull'educazione scolastica presso gli indigeni dell'etnia Karajá, e il titolo di dottore di ricerca con una ricerca sulla formazione del campo della cultura per influenza delle pubblicazioni dell'editrice universitaria dell'UFG. Sia la magistrale che il dottorato li ha svolti presso il programma di Pós-Graduação della facoltà di

Lettere dell’UFG. Lavora dal 1994 come docente di Lingua e Cultura Italiana e Lingua Portoghese per stranieri al dipartimento di Lingue Straniere presso lo stesso ateneo. Ha tradotto e curato la pubblicazione di vari testi scientifici ed opere letterarie di autori brasiliani. Ora si occupa della traduzione di autori di Goiás quali Heleno Godoy, Cora Coralina e Darcy França Denofrio nel campo della lirica e Hugo de Carvalho Ramos nel campo della prosa.

* * *

CLÁUDIA VALÉRIA LOPES nasceu no Rio de Janeiro, Brasil. Em 2001 se formou em Letras (português – italiano) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É tradutora e professora de português e italiano. Viveu na Itália por sete anos, período em que pode aprofundar os seus conhecimentos em relação à língua italiana e dar continuidade aos estudos. Trabalhou por dois anos como leitora de língua portuguesa (normas brasileira e europeia) junto à Università degli Studi di Bari. Desde 2009 vive em Zurique, onde trabalha como tradutora e docente de português e italiano. Administra e escreve para o blog www.affrescoitaliano.com, dedicado ao ensino da língua e cultura italianas.

CLÁUDIA VALÉRIA LOPES è nata a Rio de Janeiro, Brasile. Nel 2001 si è laureata in Lingue (portoghese – italiano) presso l’Università Federal do Rio de Janeiro. È traduttrice e insegnante di portoghese e italiano. Ha vissuto in Italia per sette anni, periodo in cui ha potuto approfondire le sue

conoscenze della lingua italiana e dare continuità ai suoi studi. Ha lavorato per due anni come lettrice di lingua portoghese (norma brasiliiana ed europea) presso l'Università degli Studi di Bari. Dal 2009 vive a Zurigo, dove lavora come traduttrice e insegnante di lingua portoghese e italiana. Gestisce e scrive per il blog www.affrescoitaliano.com, dedicato all'insegnamento della lingua e della cultura italiana.



Sobre os textos

O texto “Meu coração” integra o livro *sqs 120m² com dce* (NTC, 2004). “Luminária” aparece em *prafóra* (7Letras, 2007) e “A Pasolini” foi publicado em *e outros nem tanto assim* (7Letras, 2015). “Ocaso” (com o título “1917”) e “Garça” integram o livro *Autofonia* (Penalux, 2018). Todos eles apareceram na coletânea *Encontros com a poesia do mundo / Incontri com la poesia del mondo* (Edizioni Urogallo, 2016) e foram traduzidos para o italiano por Cláudia Valéria Lopes, com revisão de Vera Lucia de Oliveira.

Il testo “Il mio cuore” fa parte del libro *sqs 120m² com dce* (NTC, 2004). “Luminaria” appare in *prafóra* (7Letras, 2007) e “A Pasolini” è stato pubblicato in *e outros nem tanto assim* (7Letras, 2015). “Occaso” (con il titolo “1917”) e “Airone” si trovano nel libro *Autofonia* (Penalux, 2018). Tutti questi componenti sono stati pubblicati nell’antologia *Encontros com a poesia do mundo / Incontri com la poesia del mondo* (Edizioni Urogallo, 2016) e tradotti in italiano da Cláudia Valéria Lopes, con la revisione di Vera Lucia de Oliveira.





* * *

Os textos “Caracol”, “Tábua da lei”, “Da porta pra lá”, “O amor” e “Estudo para sonho” foram publicados pela primeira vez em livro no volume *Encontros com a poesia do mundo / Incontri com la poesia del mondo II* (Editora da Imprensa Universitária – UFG, 2018) e traduzidos para o italiano por Maristella Petti.

I testi “Lumaca”, “Tavola della legge”, “Dalla porta in là”, “L’amore” e “Studio per sogno” sono stati pubblicati per la prima volta nel volume *Encontros com a poesia do mundo / Incontri com la poesia del mondo II* (Editora da Imprensa Universitária – UFG, 2018) e tradotti in italiano da Maristella Petti.

* * *

Os textos “Rainha”, “Curumim”, “In a sentimental mood”, “Você volta pra ela” e “Festina lente” foram publicados pela primeira vez em livro no volume *Encontros com a poesia do mundo / Incontri com la poesia del mondo III* (Editora da Imprensa Universitária – UFG, 2020) e traduzidos para o italiano por Margareth de Lourdes Oliveira Nunes, com revisão de Maristella Petti.

I testi “Regina”, “Curumim”, “In a sentimental mood”, “Tu torni da lei” e “Festina lente” sono stati pubblicati per la prima volta nel volume *Encontros com a poesia do mundo / Incontri*

com la poesia del mondo III (Editora da Imprensa Universitária – UFG, 2020) e tradotti in italiano da Margareth de Lourde Oliveira Nunes, con la revisione di Maristella Petti.

* * *

Os textos “Poema”, “Paisagem”, “Tranquilito”, “Fantasia” e “O sonho de uma coisa” são inéditos e foram traduzidos para o italiano especialmente para esta antologia por Maristella Petti.

I testi “Poesia”, “Paesaggio”, “Buono buono”, “Fantasia” e “Il sogno di una cosa” sono inediti e sono stati tradotti in italiano appositamente per questa antologia da Maristella Petti.

* * *

A **Apresentação**, o **Prefácio** e o **Posfácio** foram traduzidos para o italiano por Maristella Petti.

Presentazione, Prefazione e Postfazione sono stati tradotti in italiano da Maristella Petti.





LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Adobe Garamond Pro pela Editora Penalux e impresso em papel pôlen soft 80 g/m², em março de 2021.

